

*
* *

Senhorita Júlia

*
* *

Personagens

Senhorita Júlia, 25 anos de idade

Jean, um criado, 30 anos de idade

Cristina, uma cozinheira, 35 anos de idade

*
* * *

Ato I

Cenário:

A grande cozinha de uma casa senhorial sueca, num distrito campesino, no ano de 1880. A cozinha tem três portas, duas pequenas que levam aos quartos de Jean e de Cristina, e uma grande, de vidro e batentes duplos, abrindo para o pátio interno. Este é o único acêso para o resto da casa. Através dessas portas avistam-se parte de uma fonte com um Cupido, moitas de lilases em flor e os cimos de alguns choupos da Lombardia. Numa das paredes estão prateleiras forradas de papel recortado, sobre as quais se encontram utensílios de cozinha em cobre, ferro e zinco.

À esquerda, está parte de um grande fogão em azulejos e parte de sua chaminé. À direita, o final da mesa de refeições dos empregados, junto à qual estão cadeiras.

O fogão é decorado com ramos de videiros. No chão, espalhados, brotos de zimbro. Na ponta da mesa há um grande pote japonês de especiarias, cheio de lilases.

Há também uma geladeira e uma pia de cozinha. Sobre a porta está um sino grande e antiquado; perto dele um tubo de comunicações.

Ouve-se o som de um violino, vindo de um baile no celeiro próximo.

Cristina encontra-se parada diante do fogão, fritando algo. Usa um vestido de algodão leve e um grande avental. Entra Jean, usando libré e carregando um par de grandes botas de montaria, com esporas, que coloca em local bem visível.

JEAN — A srta. Júlia está louca de novo, inteiramente louca!

CRISTINA — Ah, você já voltou?

JEAN — Depois de ter levado o Conde à estação, voltei e entrei no celeiro para dançar. E quem você acha que vi, abrindo o baile com o guarda-caças? Nossa jovem senhora! Mas, no instante em que me viu, veio correndo e me convidou para dançar. E como dançava! Nunca vi coisa igual! Ela é mesmo louquinha!

CRISTINA — Sempre foi, mas nunca como nessas duas últimas semanas, desde que desfez o noivado.

JEAN — É... foi coisa muito feia... E ele até que era bastante

bom, mesmo não sendo rico. Mas essa gente escolhe tanto! (*Senta-se à mesa.*) Em todo caso, é bastante esquisito que nossa jovem... senhora, preferisse ficar em casa, junto com os camponeses, a ir com seu pai, visitar os parentes.

CRISTINA — Talvez ela não se sinta muito bem, depois do rompimento com o noivo.

JEAN — Talvez... O sujeito até que era valente. Você sabe o que aconteceu, Cristina? Vi com meus próprios olhos, mesmo que eles não me tivessem notado.

CRISTINA — Você os viu?

JEAN — Se vi! Cruzei-me com eles uma noite, no pátio da cocheira. A srta. Júlia estava fazendo aquilo que ela chama de treino. Sabe o que é? Fazendo com que ele saltasse por sobre o chicote dela, do mesmo modo como a gente treina cachorros. Ele saltou duas vezes e levou uma chicotada pelo seu esforço. Mas quando chegou a terceira vez, arrancou o chicote das mãos dela e o partiu em pedacinhos. E depois, desapareceu...

CRISTINA — Que coisa! Nunca pensei!...

JEAN — Pois é, foi isso mesmo que aconteceu... E você, Cristina, que foi que preparou para mim? É gostoso?

CRISTINA — (*Despejando o conteúdo da panela no prato de Jean.*) É só um pouquinho de rins que separei para você.

JEAN — (*Cheirando*) Ótimo! Meu prato predileto! (*Tocando o prato.*) Você poderia ter esquentado o prato.

CRISTINA — Quando você dá para ser exigente é pior do que o próprio Conde. (*Puxa-lhe os cabelos, afetuosamente.*)

JEAN — (*Mal-humorado*) Pare de puxar meus cabelos. Você sabe que sou muito sensível.

CRISTINA — O que é isso? Você sabe que é amor...

(*Jean come. Cristina traz uma garrafa de cerveja.*)

JEAN — Cerveja? Num dia de festa? Não, obrigado. Tenho coisa muito melhor. *(Tira uma garrafa de vinho tinto, de rótulo amarelo, de dentro de uma gaveta da mesa.)* Está vendendo? Rótulo amarelo. Agora me arranje um copo. Naturalmente se usa sempre um copo de pé para beber vinho puro.

CRISTINA — *(Dando-lhe um copo de vinho.)* Deus ajude a mulher que se casar com você, seu rebuscado! *(Recoloca a cerveja na geladeira e coloca uma panela pequena na chapa do fogão.)*

JEAN — Bobagem! Você morreria de felicidade se agarrasse um sujeito simpático como eu. E até que não lhe faz mal algum, as pessoas dizerem que você é minha noiva. *(Experimenta o vinho.)* Bom! Muito bom, mesmo! Mas ainda não está bastante quente. *(Aquece o copo entre as mãos.)* Compramos este em Dijon. Quatro francos o litro, sem o casco, mais o imposto. O que é isso que você está cozinhando? Como cheira mal!

CRISTINA — Uma porcaria qualquer que a srta. Júlia pediu para a Diana.

JEAN — Você deveria cuidar mais de sua linguagem, Cristina. Mas por que você está perdendo o feriado, cozinhando para um cachorro? Por acaso Diana está doente?

CRISTINA — Sim, está doente. Ela escapou para brincar com o vira-lata no monte de lixo e ficou daquele jeito. E, como você sabe, a srta. Júlia não suporta isso.

JEAN — A srta. Júlia é muito superior em certas coisas, e nada em outras. Igualzinho à mãe. A condessa gostava mais da cozinha e do curral do que do resto da casa, mas era incapaz de sair com um só cavalo atrelado à carruagem. Andava com os punhos sujos, mas usava o braço nas abotoaduras. Mas, para voltarmos à nossa senhora, acho que ela não tem o menor respeito a si mesma e à sua posição

Isto é, ela não é refinada. Agora mesmo, no celeiro, por exemplo, ela roubou o guarda-caças de Ana e o fez dançar com ela, sem esperar ser convidada. Nós nunca faríamos uma coisa dessas. Mas é isso mesmo que acontece com os nobres: quando tentam comportar-se como gente simples, eles se tornam vulgares... Assim mesmo é uma boa moça. Linda! Que ombros...! E que... ah...

CRISTINA — Ora, não é tanto assim. Sei muito bem o que Clara diz e é ela quem ajuda a srta. Júlia a se vestir.

JEAN — Clara! Ora, vocês todas têm ciúmes. Já eu... Quem é que anda a cavalo com ela, hein? E por falar em sua dança...

CRISTINA — Escute, Jean, você vai dançar comigo, logo que eu acabar, não é?

JEAN — Claro!

CRISTINA — Promete?

JEAN — Será preciso jurar? Quando digo uma coisa, eu cumprio. Bem, obrigado pelo jantar. Estava realmente bom. *(Arrolha a garrafa. Júlia aparece à soleira da porta, falando a alguém que ficou fora.)*

JÚLIA — Volto logo. Não precisa esperar.

(Jean coloca a garrafa na gaveta e ergue-se respeitosamente. Júlia entra e junta-se a Cristina perto do fogão.)

E então? Você já acabou? *(Cristina assinala que Jean está perto.)*

JEAN — *(Galante.)* As senhoras têm um segredo?

JÚLIA — *(Batendo o lenço no rosto de Jean.)* Você é muito curioso.

JEAN — Que cheiro agradável! Violetas?

JÚLIA — *(Coquete)* Impertinente! Você também é especialista em perfumes? Devo dizer que sabe dançar. E agora, não olhe. Vá embora.

(Inicia-se uma música, um "Schottisch".)

JEAN — (Com polidez e audacioso.) As senhoras estariam preparando um caldeirão de feiticeiras, em plena noite de verão? Algo que revele o destino, para que possam prever o futuro?

JÚLIA (Rispida) — É preciso ter bons olhos para isso! (À Cristina). Ponha uma garrafa e aperte bem a rolha. Venha dançar esta escocesa comigo, Jean.

JEAN (Hesitante) — Não quero faltar-lhe com o respeito, mas prometi esta dança a Cristina.

JÚLIA — Ela pode dançar a próxima, não é, Cristina? Você vai me emprestar Jean, não vai?

CRISTINA — (Enchendo a garrafa) Não tenho nada com isso. Já que a senhorita foi tão condescendente, ele não pode recusar. Vá, Jean, e agradeça a honra que a srta. Júlia lhe fez.

JEAN — Falando francamente, senhorita, e sem querer ofender, fico pensando se é conveniente dançar duas vezes com o mesmo par, especialmente considerando como essa gente está sempre disposta a tirar conclusões erradas.

JÚLIA (Quase explodindo) — O que foi que você disse? Que espécie de conclusões?

JEAN (Submisso) — Já que a senhorita não está compreendendo, tenho de ser mais claro. Não me parece bem demonstrar preferência por um de seus criados, quando todos esperam a mesma honra incomum.

JÚLIA — Mostrar preferência! Mas que idéia! Você me esparta. Estou dando uma grande honra à criadagem, comparando a seu baile como dona da casa. Mas, se é que vou dançar, desejo um par que me guie realmente e que não me faça parecer ridícula.

JEAN — Se estas são suas ordens, senhorita, estou a seu dispor.

JÚLIA — (Gentil.) Não o considere uma ordem. Hoje somos como todos os outros, divertindo-nos numa festa. Não existe problema de classes. E agora, dê-me seu braço. Não se preocupe, Cristina. Não vou roubar seu namorado.

(Jean oferece o braço a Júlia e os dois saem.)

Sozinha, Cristina representa sua cena de um modo tranqüilo e natural, cantarolando a melodia do "schottisch", tocada por um violino distante. Tira a mesa, lava e arruma o vasilhame. Depois tira o avental. Apanha um espelhinho na gaveta, encosta-o no pote de lilases, acende uma vela, esquentando um pequeno frisador com o qual encrespa sua franja. Vai até à porta e escuta. Depois, voltando à mesa, descobre o lenço esquecido por Júlia. Cheira-o, depois o alisa e o dobra, meditativamente. Entra Jean.)

JEAN — Ela é mesmo louquinha! Que modo de dançar! As pessoas rindo, olhando por detrás das portas. Que foi que aconteceu com ela, Cristina?

CRISTINA — Ora, é só que seu tempo está chegando. Ela sempre se torna assim esquisita. Vai dançar comigo agora?

JEAN — Então você não ficou zangada comigo?

CRISTINA — Você bem sabe que não... Por uma coisa tão sem importância. Além disso, conheço o meu lugar.

JEAN — (Colocando o braço ao redor da cintura de Cristina.) Você é u'a moça compreensiva, Cristina. Vai ser uma ótima esposa.

(Entra Júlia, desagradavelmente surpresa.)

JÚLIA — *(Com alegria forçada.)* Belo galã... Fugindo de seu par.

JEAN — Não fugi, senhorita. Voltei para ver o que tinha abandonado.

JÚLIA — *(Mudando de tom.)* Sabe, você realmente dança bem. Mas por que está usando sua libré, num dia de festa? Tire-a imediatamente.

JEAN — Então devo pedir-lhe que saia um momento. Meu paletó está aqui.

(Indica o paletó pendurado na porta do quarto.)

JÚLIA — Tem vergonha de mudar o paletó na minha frente? Então entre no seu quarto... Ou fique aqui e eu virarei as costas.

JEAN — Então, com licença, senhorita.

(Vai para seu quarto e é visto parcialmente enquanto muda o paletó.)

JÚLIA — Me diga, Cristina, Jean é seu noivo? Vocês parecem ter muita intimidade.

CRISTINA — Meu noivo? É assim que nos dizemos...

JÚLIA — Dizemos?

CRISTINA — Bem, a senhorita também teve um noivo e...

JÚLIA — Mas nós éramos noivos realmente.

CRISTINA — Assim mesmo, não deu em nada.

(Jean volta, vestindo paletó preto.)

JÚLIA — Très gentil, monsieur Jean. Très gentil. (1)

(1) Em francês, no original.

JEAN — Vous voulez plaisanter, madame. (2)

JÚLIA — Et vous voulez parler français. (3) Onde aprendeu francês?

JEAN — Na Suíça, quando fui “maître” de um dos maiores hotéis de Lucerna.

JÚLIA — Você parece realmente um cavalheiro nessa roupa. Encantador.

(Senta-se à mesa.)

JEAN — Oh, a senhorita está apenas lisonjeando.

JÚLIA — *(Incomodada.)* Lisonjeando?

JEAN — Sou modesto demais para acreditar que elogiasse sinceramente um homem como eu, e por isso devo pensar que está exagerando. A isto se dá o nome de lisonja.

JÚLIA — Onde foi que aprendeu a falar desse jeito? Talvez tenha visto muito teatro?

JEAN — É isso mesmo. E também viajei muito.

JÚLIA — Mas nasceu aqui, na redondeza, não é?

JEAN — Nasci. Meu pai trabalhava na propriedade vizinha, a do promotor. Eu a via freqüentemente, quando criança. Se bem que a senhorita nunca reparasse.

JÚLIA — É mesmo?

JEAN — É. Lembro-me especialmente de certa vez... Mas não lhe posso falar sobre isso.

JÚLIA — Ora, fale! Por que não? O momento é apropriado.

JEAN — Não, realmente não posso, agora. Talvez outro dia.

JÚLIA — Outro dia quer dizer nunca. E que mal haveria se fosse agora?

JEAN — Nenhum mal, mas é melhor que não. *(Aponta Cristina, profundamente adormecida.)* Olhe para ela.

JÚLIA — Vai ser uma esposa encantadora, não é? Será que ronca?

(2 e 3) Em francês, no original.

JEAN — Não, não ronca. Mas fala durante o sono.

JÚLIA — *(Cínica.)* Como é que você sabe?

JEAN — *(Audacioso.)* Eu ouvi. *(Pausa. Olham um para o outro.)*

JÚLIA — Mas por que não se senta?

JEAN — Não posso tomar essa liberdade em sua presença.

JÚLIA — E seu eu mandasse?

JEAN — Obedeceria.

JÚLIA — Então sente. Não, espere um pouco. Pode me dar uma bebida antes?

JEAN — Não sei o que há na geladeira. Acho que só cerveja.

JÚLIA — Não tem importância. Tenho gostos simples e prefiro cerveja a vinho.

(Jean tira uma garrafa de cerveja da geladeira, apanha um copo e uma bandeja e serve a cerveja.)

JEAN — Às suas ordens.

JÚLIA — Obrigada. Não quer tomar um pouco?

JEAN — Não costumo beber cerveja, mas se é uma ordem...

JÚLIA — Ordem? Parece-me que é mera questão de boas maneiras fazer companhia a seu par.

JEAN — É um modo interessante de colocar o problema. *(Abre outra garrafa e apanha um copo.)*

JÚLIA — Agora, beba à minha saúde. *(Ele hesita.)* Acho que você é mesmo tímido.

(Jean ajoelha-se e ergue o copo, numa cerimônia jocosa.)

JEAN — À saúde de minha dama.

JÚLIA — Bravos! E agora, beije meu sapato e tudo estará feito. *(Jean hesita, depois segura o pé de Júlia, audacio-*

samente, beijando-o de leve.) Ótimo! Você deveria ser ator.

JEAN — *(Erguendo-se.)* Não podemos continuar assim, srta. Júlia. Alguém poderia entrar e nos ver.

JÚLIA — E o que teria demais?

JEAN — Só que a gente falaria. E se a senhorita soubesse como as línguas se movimentavam no celeiro, ainda há pouco...

JÚLIA — O que estavam dizendo? Conta. Sente-se.

JEAN — *(Sentando-se.)* Sem querer ofendê-la, senhorita... Mas... Bem, a linguagem não era muito amável e eles insinuavam... Ora, a senhorita sabe bem, não é mais criança. Quando se vê uma senhora sozinha, à noite, bebendo com um homem, ainda mais com um criado, então...

JÚLIA — Então o quê? Além disso, não estamos sozinhos. Cristina está conosco.

JEAN — ...dormindo.

JÚLIA — Vou acordá-la. *(Levanta-se.)* Cristina, você está dormindo? *(Cristina resmunga durante o sono.)* Cristina! Meu Deus, como ela dorme!

CRISTINA — *(Durante o sono.)* As botas do Conde estão limpas... Servi o café... Sim, já, já... *(Resmunga incoerências.)*

JÚLIA — *(Beliscando o nariz de Cristina.)* Vamos, acorde!

JEAN — *(Incisivo.)* Deixe-a dormir.

JÚLIA — Como?

JEAN — Quem fica diante do fogão o dia inteiro está cansado, à noite. E o sono deve ser respeitado.

JÚLIA — *(Mudando de tom.)* Um belo pensamento. Parece com você. Muito obrigada. *(Estende-lhe a mão.)* E agora, venha colher alguns lilases para mim.

(Durante a cena que se segue Cristina levanta-se, indo sonolenta, para seu quarto.)

JEAN — Ir com a senhorita?

JÚLIA — É.

JEAN — Não é possível. Não é possível, realmente.

JÚLIA — Não sei o que você está dizendo. Com certeza não está imaginando que...

JEAN — Eu não. Os outros sim.

JÚLIA — O que? Que eu esteja apaixonada pelo criado?

JEAN — Não sou pretensioso, mas já houve coisa semelhante e para esses camponeses nada é sagrado.

JÚLIA — Você, então, é um aristocrata?

JEAN — Sim, sou.

JÚLIA — E eu estou descendo no mundo.

JEAN — Não desça, srta. Júlia. Aceite meu conselho. Ninguém acreditará que tenha descido por vontade própria. Vão dizer que caiu.

JÚLIA — Tenho um conceito melhor das pessoas do que você. Vamos pô-lo à prova. (Olha-o nos olhos.)

JEAN — A senhorita é muito estranha.

JÚLIA — Talvez seja, mas você também é. Aliás, tudo é estranho. Vida, as pessoas, tudo, escumalha perdida sobre a água, até naufragar, cada vez mais para o fundo. Isto me lembra um sonho que tenho, às vezes, no qual estou no alto de uma coluna, sem saber como descer. Olhando para baixo, fico tonta, tenho que descer, mas não tenho coragem de saltar. Não posso ficar ali e desejo cair, mas não caio. Não há descanso. Não pode haver sossego para mim até que eu desça, desça até o solo. E se chegasse ao solo, gostaria de ficar no subsolo... Você já sentiu isso?

JEAN — Não. No meu sonho estou deitado debaixo de uma grande árvore, numa floresta escura. Quero subir, subir ao

topo da árvore e olhar por sobre a paisagem clara, onde o sol brilha, quero roubar os ovos dourados de dentro de um ninho bem alto. E então subo e continuo subindo, mas o tronco é grosso e liso e o primeiro galho está longe. Mas sei que, se alcançar o primeiro galho, irei até em cima, como se estivesse subindo uma escada. Ainda não alcancei isso, mas sei que chegarei lá, mesmo que somente em sonho.

JÚLIA — Estamos aqui perdendo tempo, falando de sonhos. Vamos, nem que seja até o parque. (Segura o braço de Jean e encaminha-se para a porta.)

JEAN — Quem dormir sobre nove flores de verão, hoje, terá seus sonhos realizados, senhorita. (Viram-se perto da porta. Jean tem a mão sobre um olho.)

JÚLIA — Há alguma coisa em seu olho? Deixe-me ver.

JEAN — Oh, não é nada. Apenas um cisco. Passará num instante.

JÚLIA — Com certeza eu o rocei com minha manga. Sente-se para eu ver. (Segura-o pelo braço, fazendo-o sentar, curva sua cabeça para trás e tenta afastar o cisco com a ponta do lenço.) Agora fique quieto, bem quietinho. (Dá um tapa na mão de Jean.) Faça o que estou dizendo. Ora, parece que você está tremendo... Um homem tão grande e forte... (Sente seus bíceps.) Que músculos!

JEAN — (Prevenindo.) Srta. Júlia!

JÚLIA — Oui, monsieur Jean? (4)

JEAN — Attention. Je ne suis qu'un homme. (5)

JÚLIA — Quer fazer o favor de ficar quieto? Pronto. Saiu. Beije minha mão e agradeça.

JEAN — (Erguendo-se.) Ouça, por favor, Srta. Júlia. Cristina foi deitar-se. Vai ouvir agora?

(4 e 5) Em francês, no original.

JÚLIA — Beije minha mão primeiro.

JEAN — Muito bem. Mas a culpa será sua.

JÚLIA — De quê?

JEAN — De quê?! Aos vinte e cinco anos a senhorita ainda é uma criança? Não sabe que é perigoso brincar com fogo?

JÚLIA — Não para mim. Tenho seguro.

JEAN — (*Explícito.*) Não, não tem. E mesmo que tivesse, não estaria livre de provocar uma combustão.

JÚLIA — Refere-se a si mesmo?

JEAN — Sim. Não é porque eu seja quem sou, mas porque sou um homem, sou jovem, sou...

JÚLIA — Atraente? Mas que presunção! Talvez um D. Juan? Ou um Casanova? Meu Deus, acho que você é mesmo um Casanova.

JEAN — Acha mesmo?

JÚLIA — Temo que sim. (*Audaciosamente, Jean tenta abraçá-la e beijá-la. Ela o esbofeteia.*) Tenha modos!

JEAN — Verdade ou brincadeira?

JÚLIA — Verdade.

JEAN — Então o que aconteceu antes foi verdade também. A senhorita brinca seriamente e isto é perigoso. De qualquer forma, estou cansado de brincar e peço licença para voltar a meu trabalho. O Conde vai precisar de suas botas e já passa da meia-noite.

JÚLIA — Deixe-as onde estão.

JEAN — Não. Este é o meu trabalho e eu tenho obrigação de fazê-lo. Mas nunca aceitei o serviço de ser seu companheiro de brinquedos e jamais o aceitarei. Acho que sou bom demais para isso.

JÚLIA — Você é orgulhoso.

JEAN — Em certas coisas. Nem todas.

JÚLIA — Você já esteve apaixonado?

JEAN — Nós não nos expressamos assim. Mas já estive com várias moças. E uma vez fiquei doente por não poder ter aquela que desejava. Quero dizer, doente como os príncipes das mil e uma noites, que não comiam, nem bebiam, por causa de paixão.

JÚLIA — E quem era ela? (*Não há resposta.*) Quem era?

JEAN — A senhorita não pode forçar-me a dizer.

JÚLIA — E se eu lhe perguntasse como igual, como... amiga? Quem era?

JEAN — A senhorita.

JÚLIA — (*Sentando-se.*) Que absurdo!

JEAN — Sim, se quiser, é até engraçado. É esta a história que eu não queria contar antes, mas que agora... Sabe qual é a aparência que o mundo tem lá de baixo? Não, não sabe. Igual às águias ou aos falcões, cujas costas nunca vemos porque estão sempre pairando acima. Vivi numa cabana de trabalhador, junto com outras sete crianças, e um porco, nos campos cinzentos onde não há uma árvore sequer. Mas, da janela, podia ver o muro cercando o pátio do Conde, as macieiras aparecendo por sobre ele. Era o jardim do Éden, guardado por muitos anjos terríveis, de espadas chamejantes. Ainda assim, eu e outros meninos conseguimos escalar a árvore da vida. Isto faz com que a senhorita me despreze?

JÚLIA — Ora, todos os meninos roubam frutas!

JEAN — A senhorita diz isso agora. Mas continua me desprezando. No entanto, uma vez entrei no jardim do Éden, com minha mãe, para limpar o canteiro de cebolas. Perto da cozinha havia um pavilhão turco, todo enfeitado de jasmims e madressilvas. Não tinha a menor noção da sua serventia, mas nunca vira construção mais linda. As pessas entravam e saíam. Certo dia, deixaram a porta aberta. Esgueirei-me para dentro e vi as paredes cobertas de quadros

de reis e imperadores, e as cortinas vermelhas, com franjas... A senhorita sabe a que me refiro, não é? Eu... (*Apanha um lilás e estende-o para que Júlia o aspire. Enquanto fala, ela o toma para si.*) Eu nunca estivera dentro da casa, nunca vira nada além da igreja e aquilo era ainda mais bonito. Onde quer que fossem meus pensamentos, eles sempre voltavam... para aquele lugar. E cresceu dentro de mim um desejo irresistível de sentir aquilo inteiramente, nem que fosse uma só vez. Então entrei, contemplei e admirei. Foi quando ouvi alguém chegando. Para os nobres havia somente uma saída mas, para mim, havia outra, a única que eu poderia escolher. (*Júlia larga o lilás sobre a mesa.*) Então apressei-me, mergulhei pelos arbustos, corri através dos canteiros de morangos e encontrei-me no terraço das roseiras. Ali, vi um vestido cor-de-rosa e um par de meias brancas... Era a senhorita. Engatinhei para debaixo de um monte de ervas e fiquei ali, entre os espinhos e a terra molhada. Contemplei-a andando entre as rosas, enquanto dizia para mim mesmo: "Se é verdade que um ladrão pode entrar no céu e estar com os anjos, é muito estranho que um filho de trabalhador, aqui na terra de Deus, não possa ir ao parque brincar com a filha do Conde."

JÚLIA — (*Sentimental.*) Acha que todas as crianças pobres sentem o mesmo que você sentiu, Jean?

JEAN — (*Perturbado, de início, depois se recompõe.*) Todas as crianças pobres?... Sim, claro que sim... Naturalmente.

JÚLIA — Deve ser horrível ser pobre.

JEAN — (*Exageradamente penalizado.*) Oh, sim, srta. Júlia, é mesmo. Um cachorro pode deitar-se no sofá da senhora Condessa, o nariz de um cavalo pode ser afagado por uma jovem dama, mas um criado... (*Mudando de tom.*) Bem, uma vez ou outra encontra-se alguém com estofos bastante para subir no mundo... Mas quantas? Mas quantas? Em

todo caso, sabe o que fiz? Pulei no riacho com roupa e tudo, fui pescado e levei uma surra. Mas no domingo seguinte, quando meu pai e o resto da família foram visitar meu avô, dei um jeito de ficar para trás. Lavei-me com água quente e sabão, vesti minha melhor roupa e fui à igreja para vê-la. Eu a vi e voltei para casa disposto a morrer. Mas queria morrer lindamente, calmamente e sem sofrimento. Lembrei-me de que era perigoso dormir debaixo do sabugueiro. Tínhamos um grande, em plena florescência e por isso eu colhi suas flores e tranquei-me no depósito de aveia, com elas. Já notou como a aveia é macia? Suave ao toque, como pele humana... Fechei a porta, fechei os olhos e adormeci. Quando me acordaram, eu estava bem doente. Mas, como vê, não morri. Não sei o que esperava alcançar com tudo isso. Mas havia esperança de conquistá-la. A senhorita era apenas um símbolo da desesperança de jamais poder sair da classe em que nasci.

JÚLIA — Você se expressa muito bem, sabe? Frequentou a escola?

JEAN — Algum tempo. Li muitos romances e fui a teatros. Além disso, ouvi gente educada conversando. Foi onde mais aprendi.

JÚLIA — Você costuma ouvir nossas conversas?

JEAN — Naturalmente. E já ouvi muita coisa! Na carruagem, ou remando o barco... Certa vez, senhorita, ouvi-a e uma de suas jovens amigas...

JÚLIA — Que foi que ouviu?

JEAN — Bem, não seria delicado repetir. E devo confessar que fiquei bastante espantado. Nem sei onde a senhorita aprendeu tais palavras. No fundo, talvez não haja tanta diferença entre as pessoas quanto se diz.

JÚLIA — Mas como...! Nós não nos comportamos como vocês, durante o noivado.

JEAN — *(Olhando duramente.)* Tem certeza? Não adianta fingir inocência em minha frente.

JÚLIA — O homem que amei não prestava.

JEAN — É o que sempre se diz... depois.

JÚLIA — Sempre?

JEAN — Deve ser sempre. Já ouvi a expressão usada diversas vezes, em circunstâncias semelhantes.

JÚLIA — Que circunstâncias?

JEAN — Iguais a essa. A última vez...

JÚLIA — *(Erguendo-se.)* Pare! Não quero ouvir mais nada!

JEAN — É curioso que ela também não queria. Posso ir para a cama agora?

JÚLIA — *(Suave.)* Ir para a cama, em dia de festa?

JEAN — Sim. Dançar naquela multidão não me diverte realmente.

JÚLIA — Apanhe a chave da casa de barcos e vamos remar no lago. Quero ver o sol nascendo.

JEAN — Acha conveniente?

JÚLIA — Parece que você teme por sua reputação.

JEAN — E por que não? Não desejo que me façam de bobo, nem quero ser despedido, sem recomendações, quando mudar para emprego melhor. Além disso, tenho de considerar Cristina.

JÚLIA — Ah, então é Cristina?

JEAN — É... Mas penso na senhorita também. Aceite meu conselho e vá para a cama.

JÚLIA — Devo aceitar ordens suas?

JEAN — Somente desta vez, e para seu próprio bem. Por favor. Já é muito tarde. O sono sobe à cabeça e nos faz precipitados. Vá para a cama. Se meus ouvidos não me enganaram, escuto gente chegando. Devem estar à minha procura. Se nos encontrarem juntos, a senhorita ficará em maus lençóis.

(O coro aproxima-se cantando. Durante o diálogo seguinte, ouvir-se-á a canção, primeiramente em fragmentos, depois inteira, no momento da entrada dos camponeses.)

Saem duas mulheres da floresta,

Tralari-lira, tralari-ra.

De frios pés, vinha uma, lesta,

Tralari-lara-ra.

A outra de ouro em pó falava,

Tralari-lira, tralali-ra.

Mas nem tostão qualquer contava,

Tralali-lara-ra.

O véu de noiva a ti eu dei,

Tralari-lira, tralali-ra,

Porém de outro eu serei...

Tralali-lara-ra.

JÚLIA — Conheço nossa gente e a amo, do mesmo modo como me amam. Deixe que venham e verá.

JEAN — Não, senhorita, eles não a amam. Comem sua comida, depois cospem no prato. A senhorita tem que me acreditar. Ouça, ouça o que estão cantando... Não, não ouça.

JÚLIA — *(Ouvindo.)* O que estão cantando?

JEAN — Zombam... da senhorita e de mim.

JÚLIA — Não!... Que horror!... Covardes!...

JEAN — Essas multidões são sempre covardes... Estando as coisas como estão, nossa esperança é fugir.

JÚLIA — Fugir? Para onde? Não podemos sair, nem ir para o quarto de Cristina.

JEAN — Vamos ao meu, então. A necessidade não conhece regras. A senhorita pode confiar em mim. Sou mesmo seu amigo real e devotado.

JÚLIA — Suponha que... Suponha que entrem, procurando por você.

JEAN — Trancarei a porta e se tentarem arrombar, atirarei. Vamos. *(Pedindo.)* Venha, por favor.

JÚLIA — *(Tensa.)* Você promete...?

JEAN — Juro!

(Júlia entra no quarto do Jean rapidamente e este a segue, excitado. Chefiados pelo violinista, os camponeses entram em trajes festivos, flores sobre os chapéus. Colocam um barril de cerveja e uma botija de aguardente, enfeitados de folhas, sobre a mesa. Apanham copos e começam a embriagar-se. Formam uma roda, dançam, cantam e mimam "Saem duas mulheres..." Finalmente saem, sempre cantando. Júlia entra, sozinha. Olha a confusão na cozinha, retorce as mãos, depois apanha o pó-de-arroz que aplica sobre o rosto. Entra Jean, satisfeito.)

JEAN — Está vendo agora? A senhorita ouviu, não ouviu? Ainda acha possível ficarmos aqui?

JÚLIA — Não, não acho. Mas o que vamos fazer?

JEAN — Fugir... para longe. Viajar.

JÚLIA — Viajar? Mas para onde?

JEAN — Para a Suíça. Os lagos da Itália... Já estive lá?

JÚLIA — Não. É bonito?

JEAN — Ah... o verão eterno!... Laranjas... sempre-vivas...

JÚLIA — E o que faremos?

JEAN — Abriremos um hotel. Acomodações e hóspedes de luxo.

JÚLIA — Hotel?

JEAN — Que bela vida! Gente nova, todo dia... Línguas diferentes... Nenhum tempo para os nervos e as preocupações, nenhuma necessidade de procurar o que fazer, o trabalho

aparecendo com a necessidade, as campainhas tocando dia e noite, os trens apitando, as chegadas e partidas dos ônibus, enquanto moedas de ouro rolam para dentro do cofre. Isto é que é vida!

JÚLIA — Para você... E para mim?

JEAN — A dona da casa, o ornamento da firma. Com sua aparência e sua classe... Tem que ser um sucesso! Genial! A senhorita se sentará como uma rainha, no escritório, colocando os escravos em movimento, pelo simples apertar de um botão. Os hóspedes se apresentarão diante de seu trono, depositando nervosamente tesouros sobre a mesa. A senhorita nem sabe como as pessoas tremem quando recebem as contas! Eu as salgarei e a senhorita as adoçará com seu mais lindo sorriso! Vamos embora daqui! *(Tira um horário de trens do bolso.)* Agora, no próximo trem! Chegaremos a Malmö às seis e meia, passaremos por Hamburgo às oito e quarenta de amanhã, Frankfurt depois de amanhã e depois... o lago de Como, pela rota de São Gotardo, dentro de... vejamos... dentro de três dias. Três dias!

JÚLIA — Está tudo muito bem. Mas, Jean, você deve me dar coragem. Diga que me ama, segure-me em seus braços.

JEAN — *(Relutante.)* Eu gostaria... mas não posso. Não nesta casa. Eu a amo... não preciso dizer. A senhorita não pode duvidar disso, pode?

JÚLIA — *(Tímida, muito feminina.)* Senhorita? Diga Júlia. Não há mais barreiras entre nós, agora. Diga Júlia.

JEAN — *(Intranquilo.)* Não posso. Enquanto estivermos nesta casa haverá barreiras. Há o passado e o Conde. Nunca fui tão servil como fui diante dele. Basta ver as suas luvas sobre uma cadeira, para que eu me sinta pequeno. Quando escuto sua chamada, fico assustado. Neste instante mesmo, vendo suas botas, tão orgulhosas e rijas, sinto que minhas costas se curvam. *(Chuta as botas.)* São essas no-

ções mesquinhas com que nos martelaram quando éramos crianças... Mas elas podem ser esquecidas logo. Basta ir para outro país, uma república. Lá as pessoas se curvarão, mas eu não. Não nasci para me curvar. Tenho coragem, tenho caráter e logo que alcance o primeiro galho, a senhora verá como subirei. Hoje sou um criado, daqui a um ano serei proprietário, dentro de dez anos estarei rico... Então irei para algum reino, serei condecorado e talvez... Veja bem, estou dizendo talvez, eu me torne nobre: um Conde.

JÚLIA — (*Triste.*) Seria muito bonito.

JEAN — Na Romênia se pode comprar títulos. Então a senhora será Condessa, apesar de tudo. Minha Condessa.

JÚLIA — E o que importa? Deixo isto para trás, diga que me ama, porque se não... se não, o que serei eu?

JEAN — Eu o direi mil vezes... depois. Mas aqui, não. Nada de sentimentalismo agora, senão tudo estará perdido. Temos de considerar as coisas calmamente, como pessoas adultas. (*Toma um charuto e o acende.*) Sente-se ali e eu me sentarei aqui. Conversemos como se nada tivesse acontecido.

JÚLIA — Meu Deus! Você não tem sentimentos?

JEAN — Ninguém os tem mais... Mas eu me controlo.

JÚLIA — Há pouco, você beijava meu pé. E agora...

JEAN — (*Ritpido.*) Sim, mas foi há pouco. Agora temos mais em que pensar.

JÚLIA — Não me fale assim.

JEAN — Tento ser sensato. Já foi cometida uma loucura. Deixemos ficar por isto. O Conde pode voltar a qualquer momento e nós temos que decidir o futuro antes disso. E agora, o que acha de meus planos? Aprova?

JÚLIA — Parece uma grande idéia, a não ser... Para um empreendimento assim tão grande precisa-se de capital. Você tem?

JEAN — (*Mastigando o charuto.*) Claro que tenho. Tenho minha habilidade profissional, minha grande experiência e meu conhecimento de línguas. Parece-me que é um capital bastante válido.

JÚLIA — Se bem que não sirva para comprar passagens.

JEAN — É verdade. É por isso que preciso de alguém que forneça um adiantamento em dinheiro.

JÚLIA — E como fará isso, nesse curto prazo?

JEAN — Se quiser ser minha sócia, a senhora terá de cuidar disso.

JÚLIA — Não posso. Nada tenho de meu.

JEAN — Então, nada feito.

JÚLIA — Nada feito?

JEAN — Continuamos como antes.

JÚLIA — Acha que continuarei sob este mesmo teto, como sua amante, com todo mundo me apontando? Acha que poderei encarar meu pai, depois do que aconteceu? Não, leve-me daqui, poupe-me a vergonha, a humilhação... Oh, meu Deus, o que foi que fiz? Meu Deus, meu Deus! (*Chora.*)

JEAN — Ah, então agora a canção é esta? O que foi que fez? O mesmo que muitas outras fizeram antes.

JÚLIA — (*Histérica.*) E agora você me despreza. Estou caindo, estou caindo!

JEAN — Caia onde estou, que eu a levantarei.

JÚLIA — Por que senti esta atração por você? Aos fracos, os fortes; aos que descem, os que sobem? Ou foi amor? Isto será amor? Você sabe o que é amor?

JEAN — Se sei? Pode ter certeza que sim. Acha que nunca estive com u'a mulher antes?

JÚLIA — As coisas que você diz... As coisas que pensa...!

JEAN — Foi o que aprendi com a vida. É isto que sou. Não vale a pena ficar histérica, nem fingir atitudes! Agora estamos no mesmo barco. Aqui, menina, deixe que eu lhe dê alguma coisa de especial. *(Abre a gaveta, dela retira a garrafa de vinho, enchendo dois copos usados.)*

JÚLIA — Onde arranjou este vinho?

JEAN — Tirei na adega.

JÚLIA — O Borgonha de papai!

JEAN — E por que não, se é para seu genro?

JÚLIA — E eu, bebendo cerveja...

JEAN — O que demonstra que seu paladar não é tão apurado quanto o meu.

JÚLIA — Ladrão.

JEAN — Vai me denunciar?

JÚLIA — Oh, meu Deus, tornei-me a cúmplice de um ladrãozinho vulgar? Será que estava bêbeda? Será que sonhei durante toda a noite? A festa do verão, a noite da alegria inocente!

JEAN — Ah, inocente...!

JÚLIA — Será que há alguém na terra mais miserável do que eu?

JEAN — E por que a senhorita deveria sentir-se miserável? Depois de tamanha conquista! E Cristina? Acha que ela não tem sentimentos?

JÚLIA — Eu pensava assim... mas não penso mais. Não, um criado é um criado.

JEAN — E uma prostituta, uma prostituta.

JÚLIA — *(Caindo de joelhos, de mãos-postas.)* Oh, Deus do céu, ponha um fim à minha vida miserável! Tira-me dessa imundície na qual me afogo. Salvai-me, salvai-me!

JEAN — Na realidade, tenho pena da senhorita. Quando estava no canteiro de cebolas e a vi entre as rosas, eu... Sim,

agora lhe contarei... Eu tive os mesmos pensamentos sórdidos dos outros rapazes.

JÚLIA — Você, você que desejava morrer por minha causa?

JEAN — No depósito de aveia? Foi só conversa...

JÚLIA — Você quer dizer mentira.

JEAN — *(Sonolento.)* Mais ou menos. Acho que li uma história num jornal, sobre um limpador de chaminés que se fechou dentro de um baú cheio de lilases, para escapar de uma condenação, por não querer sustentar certa mulher...

JÚLIA — Então você é assim?

JEAN — Tinha que pensar alguma coisa. As palavras bonitas sempre cativam as mulheres.

JÚLIA — Monstro!

JEAN — Merde! (6)

JÚLIA — Agora você viu as costas do falcão.

JEAN — Não foi bem suas costas.

JÚLIA — Eu fui o primeiro galho.

JEAN — Que estava podre.

JÚLIA — Deveria transformar-me em placa de hotel.

JEAN — E eu seria o hotel.

JÚLIA — Sentar-me junto ao balcão, atrair os fregueses e salgar suas contas.

JEAN — Isso eu mesmo faria.

JÚLIA — Como um ser humano pode estar tão imerso na lama!

JEAN — Limpe-a, se não lhe agrada.

JÚLIA — Criado! Lacaio! Levante-se para falar comigo!

JEAN — Prostituta de lacaio! Mulher de criado! Cale a boca e saia daqui! Não lhe cabe dar lições sobre brutalidade, já que foi a mais brutal esta noite! Acha que alguma empregada se atiraria assim para um homem? Já viu alguma

(6) Em francês, no original.

mulher de minha classe implorando dessa maneira? Eu nunca vi. Só animais e prostitutas.

JÚLIA — (*Abatida.*) Continue. Pode me bater, pode pisar em mim... Eu bem que mereço. Sou podre. Mas me ajude! Se há algum modo, me ajude!

JEAN — (*Mais delicado.*) Não nego minha participação na honra de seduzi-la, mas será que a senhorita acha que qualquer pessoa, em minha posição, teria ousado olhá-la, se a senhorita mesma não estivesse querendo? Ainda me espan- to...

JÚLIA — E se orgulha.

JEAN — E por que não? Se bem que deva admitir que a vitória foi fácil demais para me fazer perder a cabeça.

JÚLIA — Continue sendo brutal.

JEAN — (*Erguendo-se.*) Não, pelo contrário. Peço desculpas pelo que disse. Não bato em quem está no chão... muito menos numa mulher. Não posso negar que há certa satisfação em descobrir que aquilo que nos jogou ao chão foi apenas luar, que as costas do falcão são cinzas afinal, que há pó-de-arroz na face linda, que unhas pintadas podem estar sujas, que o lenço está sujo, se bem que perfumado. Por outro lado, o que fere é saber que aquilo que lutávamos por obter não era alto e não era real. Dói ver a senhorita caída tão baixo, abaixo mesmo de sua cozinheira. Dói como quando se vê a última flor do verão sendo esmigalhada pela chuva e transformada em lama!

JÚLIA — Você fala como se fosse meu superior.

JEAN — E sou. Eu seria capaz de fazê-la Condessa, se bem que a senhorita jamais me faria Conde.

JÚLIA — Mas eu sou filha de Conde e isto você jamais poderia ser.

JEAN — É verdade. Mas eu poderia ser o pai de condes se...

JÚLIA — Você é um ladrão. Eu não.

JEAN — Há coisas piores que ser ladrão... e muito mais baixas. Além disso, quando estou num emprego, considero-me de certa forma membro da família, como se fosse um de seus filhos. Não é roubo crianças apanharem frutas em árvores carregadas. (*Sua paixão ressurgue.*) Srta. Júlia, a senhorita é uma linda mulher, boa demais para mim. Foi levada por uma espécie de loucura e agora está tentando encobrir seu erro, tentando persuadir-se de que me ama. Não ama, se bem que me ache fisicamente atraente, o que significa que seu amor não é melhor que o meu. Mas eu não me satisfaria sendo apenas um animal para a senhorita, e nunca poderia fazer com que me amasse.

JÚLIA — Tem certeza?

JEAN — Acha que há alguma esperança? De eu amá-la, naturalmente. A senhorita é linda, refinada, (*segura sua mão*), educada, e é agradável quando quer ser. O fogo que instiga dentro de um homem não pode apagar-se facilmente. (*Passa o braço a seu redor.*) É como um vinho generoso cheio de temperos... e seus beijos... (*Tenta atrai-la para junto de si, mas ela se liberta.*)

JÚLIA — Largue-me! Desse modo nunca poderá me conquistar.

JEAN — Se não for desse modo, como será então? Não por meio de beijos e palavras, não por meio do planejamento do futuro e pela sua salvação da vergonha? Como então?

JÚLIA — Como? Não sei. Não há um modo. Eu o desprezo... Desprezo-o como desprezo os ratos, se bem que não possa escapar de você.

JEAN — Fuja comigo, então.

JÚLIA — (*Refazendo-se.*) Fugir? Sim, precisamos fugir. Mas estou tão cansada. Dê-me um copo de vinho. (*Ele a serve.*) (*Ela olha o relógio.*) Precisamos conversar, primeiro. Ainda temos um pouco de tempo. (*Esvazia o copo e estende-o pedindo mais.*)

JEAN — Não beba assim. Ficará bêbada.

JÚLIA — Que importância tem?

JEAN — Que importância? É vulgar ficar bêbedo! E então, o que tem para dizer?

JÚLIA — Temos que fugir, mas primeiro temos que conversar... Ou melhor, eu preciso falar, porque até agora só você falou. Você contou sua vida, agora quero contar-lhe a minha, para que realmente nos conheçamos, antes de começarmos nossa viagem.

JEAN — Espere. Se me perdoa a interferência, não acha que, mais tarde, vai arrepender-se por ter-me contado os seus segredos?

JÚLIA — Você não é meu amigo?

JEAN — Sim, de certo modo... Mas não confie demais em mim.

JÚLIA — Você não pode estar falando sério. E, além disso, todo mundo conhece meus segredos. Minha mãe não era bem-nascida; veio ao mundo de uma família bastante humilde e foi educada com todas essas idéias modernas de igualdade dos sexos, de direitos da mulher, essas coisas... Achava que o casamento estava errado e por isso, quando meu pai a pediu, disse que jamais se tornaria sua mulher... se bem que o fizesse, depois. Vim ao mundo, ao que parece, contra a vontade de minha mãe e me deixaram selvagem, fazendo tudo o que os meninos fazem, para provar que as mulheres valem tanto quanto os homens. Faziam-me usar roupas de menino, ensinaram-me a domar cavalos, não me permitiam ir à cozinha. Mamãe obrigou-me a tratar e a selar cavalos, a caçar... Tive até que mover o arado. Davam tarefas femininas a todos os homens da propriedade e masculinas às mulheres, até que tudo se tornou um caos e nós nos tornamos o divertimento de nossos vizinhos. Afinal, meu pai reencontrou os sentidos e se rebelou. Mudou tudo e governou a propriedade com seus pró-

prios métodos. Minha mãe adoeceu... Não sei de que mal sofria, mas lembro-me que tinha ataques e que se escondia no sótão ou no jardim. Às vezes, ficava fora a noite inteira. Depois, aconteceu o incêndio, do qual você já ouviu falar. A casa, os estábulos, os celeiros, tudo queimou, até os alicerces. Em circunstâncias bastante suspeitas, pois que o incêndio sucedeu no dia mesmo em que deveria ser renovado o seguro. Meu pai havia mandado o pagamento mas, por causa de um descuido do mensageiro, chegou atrasado. *(Torna a encher o copo e bebe.)*

JEAN — Não beba mais.

JÚLIA — Que importa? Estávamos na miséria e dormíamos dentro das carruagens. Meu pai não sabia onde conseguir dinheiro para a reconstrução. Foi quando minha mãe sugeriu pedi-lo emprestado a um amigo seu, o proprietário de uma cerâmica local. Meu pai tomou o empréstimo e, para sua surpresa, sem ter que pagar juros. E tudo foi reconstruído. *(Bebe.)* Sabe quem provocou o incêndio?

JEAN — A senhora sua mãe.

JÚLIA — E sabe quem era o proprietário da cerâmica?

JEAN — O amante de sua mãe?

JÚLIA — Sabe de quem era o dinheiro?

JEAN — Espere... Não, isso eu não sei.

JÚLIA — De minha mãe.

JEAN — Em outras palavras, do Conde, a não ser que tenha havido algum acordo.

JÚLIA — Não havia acordo. Minha mãe possuía algum dinheiro ao se casar, dinheiro que não entregou ao controle de meu pai e que investiu... com seu amigo.

JEAN — Que se apossou dele.

JÚLIA — Exatamente. Meu pai veio a saber disso tudo sem poder iniciar uma ação, sem poder pagar ao amante de sua mulher, nem provar que o dinheiro era dela. Esta foi a vin-

gança de minha mãe, por ele ter pretendido ser o dono de sua própria casa. Ele quase chegou a suicidar-se. Pelo menos, há um rumor de que tentou, sem conseguir. Continuou a viver, e mamãe teve que pagar caro pelo que fez. Minha simpatia natural estava com papai, no entanto fiquei do lado de mamãe, por não saber dos fatos reais. De-la havia aprendido a detestar e a desconfiar dos homens... Você sabe como ela desprezava os homens. E jurei que jamais me tornaria escrava de um homem.

JEAN — E depois ficou noiva daquele advogado.

JÚLIA — Para que ele fosse meu escravo.

JEAN — E ele não quis.

JÚLIA — Oh, sim, queria, mas não teve oportunidade. Entediei-me dele.

JEAN — E aquilo que vi, no pátio da cocheira?

JÚLIA — O que foi que viu?

JEAN — Vi como ele rompia o noivado.

JÚLIA — É mentira. Fui eu que rompi. Ele disse o contrário, o covarde?

JEAN — Ele não é covarde. Detesta os homens, srta. Júlia?

JÚLIA — Detesto... na maioria das vezes. Mas quando chega o instante de minha fraqueza... Que vergonha!

JEAN — Então me detesta?

JÚLIA — Mais do que seria capaz de dizer. Com prazer eu o veria morto, feito um animal.

JEAN — Do mesmo modo que um cão danado, não é?

JÚLIA — Sim.

JEAN — Mas aqui não há nada com que possa atirar... E não há cão. E então, ó que faremos?

JÚLIA — Viajar.

JEAN — E atormentar-nos para o resto de nossas vidas.

JÚLIA — Não. Divertir-nos um dia ou dois, uma semana, pelo tempo que durar o prazer e depois... morrer...

JEAN — Morrer! Que tolice! Acho que seria muito melhor abrir um hotel.

JÚLIA — (*Sem ouvi-lo.*) ...morrer nas praias do lago de Como, onde o sol sempre brilha e onde o Natal sempre vem com árvores verdes e laranjas vermelhas.

JEAN — O lago de Como é um buraco e lá nunca vi laranjas, a não ser nos mercados. Mas é um bom lugar para turistas. Muitas "villas" alugadas para... casais em lua-de-mel. É um bom negócio. Sabe por quê? Porque todos assinam contratos de seis meses e vão embora três semanas depois.

JÚLIA — (*Ingênua.*) Depois de três semanas! Por quê?

JEAN — Porque brigam, naturalmente. No entanto, o aluguel tem que ser pago. E depois, a coisa se renova, prossegue eternamente, porque há muito amor, se bem que não dure muito.

JÚLIA — Você não quer morrer comigo?

JEAN — Não quero morrer de modo algum. Primeiro, porque gosto de viver; depois, porque considero o suicídio um pecado contra o Criador que nos deu a vida.

JÚLIA — Você acredita em Deus? Você!

JEAN — É claro. Vou à Igreja todos os domingos. Sabe, estou cansado disso tudo. Acho que vou dormir.

JÚLIA — Vai? E acha que vou deixar as coisas como estão? Não sabe a dívida que tem para com a mulher que você arruinou?

JEAN — (*Pegando seu porta-níqueis, joga u'a moeda de prata sobre a mesa.*) Eis aí. Não quero dever nada a ninguém.

JÚLIA — (*Pretendendo não notar o insulto.*) Não conhece a lei?

JEAN — Infelizmente não há lei para punir u'a mulher por ter seduzido um homem.

JÚLIA — Será que você vê outra solução a não ser viajar, casar e depois o divórcio?

JEAN — E se eu me recusar a esse mau casamento?

JÚLIA — Mau casamento?

JEAN — Para mim, é. Tenho uma origem melhor do que a sua. Ninguém em minha família é incendiário.

JÚLIA — Como sabe?

JEAN — A senhorita não pode provar o contrário, já que os únicos registros de minha família estão no cartório. Já a sua, eu vi bem aquela árvore genealógica sobre a mesa da sala de estar. Sabe quem é o fundador de sua família? Um moleiro que deixou a mulher dormir com o rei, certa noite, durante a guerra da Dinamarca. Não tenho antepassados como esse. Aliás, não tenho antepassados, se bem que possa tornar-me um.

JÚLIA — É o que recebo por ter confiado em alguém assim tão vil, por ter sacrificado a honra de minha família...

JEAN — Honra! Ora, eu já lhe disse para não beber, porque quem bebe fala. E não se deve falar.

JÚLIA — Oh, que vergonha, que vergonha! Se ao menos você me amasse...

JEAN — Olhe, pela última vez, o que é que deseja de mim? Devo desmanchar-me em lágrimas? Pular sobre seu chicote? Devo beijá-la e carregá-la até o lago de Como, ficar lá três semanas e depois... O que devo fazer? O que deseja? Isto está se tornando insuportável... Mas é o que acontece, quando a gente brinca com mulheres. Senhorita, estou vendo seu estado, sei que está atravessando um inferno, mas não a compreendo. Nós não fazemos cenas como esta, nós não acreditamos em detestar; amamo-nos com prazer, em nosso tempo livre, mas não temos dias e noites inteiras para nos dedicarmos a isto, como a senhorita. Acho que está doente, tenho certeza que sim.

JÚLIA — Então você deve me tratar bem. Agora o seu tom de voz foi quase humano.

JEAN — Seja humana também. A senhorita cospe sobre mim, depois não me deixa limpar o cuspe... sobre a senhorita.

JÚLIA — Ajude-me! Ajude-me! Diga-me o que fazer, para onde ir...

JEAN — Oh, Jesus, como se eu soubesse!

JÚLIA — Eu estava doida, completamente doida, mas deve haver uma saída.

JEAN — Fique aqui e conserve-se calada. Ninguém sabe de nada.

JÚLIA — Não posso. A gente sabe. Cristina sabe.

JEAN — Não sabem e não acreditariam.

JÚLIA — (*Hesitante.*) Mas... poderia acontecer de novo.

JEAN — É verdade.

JÚLIA — E poderá haver... conseqüências.

JEAN — (*Em pânico.*) Conseqüências! Louco que fui de nunca pensar nisso! Não há nada que fazer, senão viajar. Imediatamente. Eu não posso ir com a senhorita. Assim, nós nos trairíamos. A senhorita deve ir sozinha, para outro país, qualquer lugar...

JÚLIA — Sozinha? Para onde? Não posso.

JEAN — A senhorita precisa, antes que o Conde regresse. Se ficar, sabemos o que irá acontecer. Quando pecamos uma vez, achamos que podemos prosseguir, sem que isto seja um mal. Depois nos tornamos cada vez mais inquietos, até que, no fim, nos revelamos aos outros. A senhorita deve partir. Escreva depois ao Conde, contando-lhe tudo, menos o meu nome. Ele jamais adivinhará e penso que jamais o desejaria.

JÚLIA — Irei, se você for comigo.

JEAN — Está doida? "A senhorita Júlia foge com o criado". Seria manchete no dia seguinte e o Conde jamais sobreviveria ao golpe.

JÚLIA — Não posso ir. Não posso ficar. Estou tão cansada, completamente exausta. Ordene-me, ponha-me a caminho. Já não posso pensar, não posso agir...

JEAN — Está vendo como vocês são fracos? Por que assumem ares de importância, torcem os narizes para cima, como se fossem senhores da criação? Muito bem, vou lhe dar as ordens. Vá para cima e vista-se. Arranje dinheiro para a viagem e volte para cá.

JÚLIA — *(Suave.)* Venha a meu quarto comigo.

JEAN — A seu quarto? A senhorita agora está louca de novo. *(Hesita um momento.)* Não. Vá agora. *(Toma sua mão e puxa-a para a porta.)*

JÚLIA — *(Enquanto vai.)* Fale-me com doçura, Jean.

JEAN — As ordens sempre têm um som indelicado. Agora ficou sabendo.

(Ao ser deixado só, Jean suspira, aliviado, senta-se à mesa, tira um caderninho de notas e um lápis do bolso e escreve números que soma às vezes em voz alta. Começa a raiar o dia. Cristina entra vestida para ir à igreja, trazendo o peitilho e a gravata de Jean.)

CRISTINA — Nossa! Veja em que estado ficou a cozinha! O que foi que vocês fizeram? *(Apaga a lâmpada.)*

JEAN — Oh, a srta. Júlia convidou a multidão para entrar. Você conseguiu dormir? Não ouviu nada?

CRISTINA — Dormi como u'a pedra.

JEAN — E já está pronta para a igreja?

CRISTINA — Sim. Você prometeu ir à comunhão hoje.

JEAN — Sim, claro que sim. E você já trouxe o peitilho e a gravata. Coloque-os para mim. *(Senta-se. Cristina inicia a colocação. Pausa. Sonolento.)* Qual vai ser o sermão hoje?

CRISTINA — Acho que é sobre a decapitação de São João Batista.

JEAN — Vai ser muito demorado. Cuidado, você está me sufocando! Oh, meu Deus, estou com tanto sono!

CRISTINA — O que fez a noite inteira? Você está verde!

JEAN — Estive sentado aqui, conversando com a srta. Júlia.

CRISTINA — Ela não sabe o que é conveniente. *(Pausa.)*

JEAN — Cristina!

CRISTINA — O que?

JEAN — É realmente esquisito, quando a gente pensa, não é? Ela...

CRISTINA — O que é esquisito?

JEAN — Tudo. *(Pausa.)*

CRISTINA — *(Olhando os copos meio cheios à mesa.)* Vocês andaram bebendo juntos?

JEAN — É.

CRISTINA — Que vergonha! Olhe-me bem nos olhos.

JEAN — Sim?

CRISTINA — Será possível? Será possível?

JEAN — *(Depois de um instante.)* Sim, é possível.

CRISTINA — Oh, eu nunca seria capaz de acreditar! Que baixaza!

JEAN — Você não está com ciúmes dela, não é mesmo?

CRISTINA — Não, não estou. Se fosse Clara, ou Sofia, eu lhes arrancaria os olhos. Mas não dela. Não sei porque... mas é assim. E assim mesmo, dá nojo.

JEAN — Então você está zangada com ela?

CRISTINA — Não. Com você. Foi u'a maldade sua, grande maldade. E anote o vou dizer: não vou continuar neste emprego... Um lugar onde não se pode respeitar os patrões.

JEAN — E por que deveríamos respeitá-los?

CRISTINA — Já que você é tão esperto, deveria saber. Será que você gostaria de ficar a serviço de gente pouco respeitável? Eu me sentiria diminuída.

JEAN — Assim mesmo, tranquiliza bastante a gente saber que eles não são melhores do que nós.

CRISTINA — Eu não penso assim. Se não são melhores, nada existe que justifique nossa existência. E pense no Conde! Pense nele. Ele já sofreu tanto! Não, não ficarei mais aqui. E logo com você! Se fosse com o advogado, ou alguém de sua própria camada...

JEAN — Ora, o que está errado em...

CRISTINA — Oh, você está certo, de certa maneira. Mas quando se considera tudo, existe mesmo uma diferença entre uma classe e a outra. Não, eu nunca serei capaz de engolir isto. Que a nossa jovem ama, era tão orgulhosa e que olhava os homens com tanto desprezo, se deixasse ir, entregando-se a alguém como você! Ela, que queria matar a pobre Diana, por ter andado com o vira-lata do porteiro! Não, não sei... Bem, aqui não fico mais. Entrego meu aviso no dia 24 de outubro.

JEAN — E depois?

CRISTINA — Bem, já que você pergunta... Acho que chegou a hora de você procurar alguma coisa, para que nos possamos casar.

JEAN — Procurar o que? Casado, não conseguirei emprego como este.

CRISTINA — Claro que não. Mas poderá arranjar outro como porteiro, ou zelador de alguma repartição pública. Os salários oficiais são pequenos, mas seguros. E há a pensão para mulher e os filhos.

JEAN — Está tudo muito bonito, mas não é meu costume começar as coisas pensando na morte, em mulher ou filhos. Devo dizer que as minhas aspirações eram bem maiores.

CRISTINA — Você e suas idéias! Você tem também os seus deveres, e é melhor começar pensando neles.

JEAN — Agora é você que começa a me aborrecer com os meus deveres. Para mim, chega! *(Ouve um ruído vindo de cima.)* Em todo caso, temos muito tempo para arrumar as coisas. Vá preparar-se para irmos à igreja.

CRISTINA — Quem é que está andando lá em cima?

JEAN — Não sei... A não ser que seja Clara.

CRISTINA — Acha que o Conde voltou, sem que tivéssemos ouvido?

JEAN — *(Amedrontado.)* O Conde? Não, não seria possível. Ele me teria chamado.

CRISTINA — Meu Deus, meu Deus! Que dia mais esquisito! *(Sai.)*

(O sol já se levantou e brilha por entre os ramos das árvores. A lua modifica-se gradualmente até entrar obliquamente pelas janelas. Jean vai até à porta e acena. Júlia entra, vestindo roupas de viagem, carregando uma pequena gaiola coberta por um pano, que coloca sobre uma cadeira.)

JÚLIA — Estou pronta.

JEAN — Pssst! Cristina já acordou!

JÚLIA — *(Muito nervosa.)* Ela suspeita de alguma coisa?

JEAN — De nada. Meu Deus! mas que aparência mais estranha!

JÚLIA — Aparência? O que você está dizendo?

JEAN — Está pálida como u'a morta e, se me desculpa a expressão, seu rosto está sujo.

JÚLIA — Vou lavar, então. *(Vai até à pia e lava o rosto e as mãos.)* Pronto. Dê-me a toalha. Oh, o sol já se levantou.

JEAN — E isto quebra o encantamento.

JÚLIA — Sim, o encantamento da noite de verão... Ouça, Jean, venha comigo. Eu tenho dinheiro bastante.

JEAN — *(Cético.)* Bastante?

JÚLIA — Bastante para começar. Não serei capaz de viajar sozinha hoje. Lembra-se que é feriado. Ficarei sufocada no meio da multidão a me encarar, o trem parando em todas as estações e eu desejando ter asas para voar. Não, não poderei. E haverá também a lembrança das noites de verão, de meus tempos de criança. A igreja coberta de plantas, videiros, lilases, a mesa de jantar bem-arrumada, parentes, amigos, a noite no parque, dança, música, flores, alegria. Por mais longe que se corra, sempre haverá lembranças... e remorso... e culpa.

JEAN — Irei com a senhorita, mas terá de ser agora, antes que seja tarde demais.

JÚLIA — Apanhe suas coisas. *(Apanha a gaiola.)*

JEAN — Nada de bagagens. Elas nos denunciariam.

JÚLIA — Vamos levar apenas o que pudermos carregar na carruagem.

JEAN — *(Apanhando o chapéu.)* E o que é isto?

JÚLIA — Meu pintassilgo. Não quero deixá-lo aqui.

JEAN — Ora, meu Senhor! Então temos que carregar também uma gaiola. A senhorita está louca! Deixe-a aí.

JÚLIA — É a única coisa que levo de minha casa. A única criatura humana que se preocupa comigo, desde que Diana fugiu. Não seja cruel, deixe que eu o leve.

JEAN — Já lhe disse para largar a gaiola... E não fale tão alto. Cristina pode ouvir.

JÚLIA — Não, não quero que o passarinho caia em mãos estranhas. Seria melhor você matá-lo.

JEAN — Dê-me o bichinho.

JÚLIA — Você não vai machucá-lo, não é mesmo? Não, eu não posso fazer isso.

JEAN — Pois eu posso. Me dê.

JÚLIA — *(Tirando o passarinho de dentro da gaiola, beijando-o.)* Minha cara Serene, será que você tem de morrer, abandonando sua dona?

JEAN — Por favor, não faça uma cena agora. É sua vida e seu futuro que me preocupam. Vamos, depressa! *(Arranca o passarinho de suas mãos, leva-o à tábua de cortar carne e apanha a machadinha. Júlia vira o rosto.)* Você deveria ter aprendido a matar galinhas, ao invés de atirar. Assim não desmaiaria vendo sangue.

JÚLIA — *(Gritando.)* Mate-me também! Mate-me! Você é capaz de trucidar uma criatura inocente sem o menor trêmor. Oh, eu o detesto, eu o desprezo! Agora há sangue entre nós. Amaldição a hora em que o vi pela primeira vez. Amaldição a hora em que fui concebida no ventre de minha mãe.

JEAN — Que adianta amaldiçoar? Vamos embora.

JÚLIA — *(Indo até onde está a tábua de carne, como se atraída, contra sua vontade.)* Não, não irei mais. Não posso... Tenho de olhar. Ouça! A carruagem está chegando. *(ouve, sem tirar os olhos da tábua e da machadinha.)* Acha que não suporto a visão do sangue, acha que sou fraca assim? Oh, como gostaria de ver o seu sangue e as suas entranhas espalhadas sobre essa tábua! Gostaria de ver toda a sua virilidade boiando assim num mar de sangue. Acho que seria capaz de beber na sua caveira, lavar os pés em seu peito partido e comer seu coração inteiro. Acha que sou fraca? Acha que eu o amo, que meu ventre desejava sua semente e que eu desejo carregar sua descendência sob meu coração, alimentando-a com meu sangue? Acha que desejo ter seu filho, que quero o seu nome? Aliás, qual é o seu nome? Nunca ouvi alguém dizer seu nome. Acho que você não tem. Quem sabe eu deveria me chamar senhora

Porteira, ou madame Zeladora? Cachorro que usa minha coleira, laçao usando meu braço. Eu o compartilho com minha cozinheira, sou a rival de minha própria criada? Oh, meu Deus! Acha que sou covarde e que vou fugir? Não, agora vou ficar... Haja o que houver. Meu pai voltará. Encontrará a porta da escrivania arrombada... dará pela falta do dinheiro, depois tocará a campainha, duas vezes, como de hábito, para chamar o criado e depois chamará a polí-cia... E eu terei de contar tudo. Tudo. Oh, como será bom acabar tudo, um fim verdadeiro! Papai terá uma síncope, morrerá e isto será o fim de nós todos. Depois a paz e o sossego, o descanso eterno. O braço partido sobre o caixão e a linhagem do Conde extinta... Já a linhagem do criado irá para o orfanato, conquistará lauréis de esgoto e terminará na cadeia.

JEAN — Eis como fala o sangue nobre...! Bravos, senhorita! Mas agora, veja se não desiste mais.

(Cristina entra vestida para ir à igreja, carregando um livro de orações. Júlia corre até ela e atira-se em seus braços, buscando proteção.)

JÚLIA — Ajude-me, Cristina! proteja-me contra esse homem!

CRISTINA — *(Insensível e fria.)* Meu Deus! Que modo de começar um dia de festa! *(Olha a tábua.)* Que desordem! O que está acontecendo? Por que a senhorita está assim?

JÚLIA — Cristina, você é mulher e minha amiga. Cuidado com esse canalha!

JEAN — *(Embaraçado.)* Enquanto as senhoras discutem, irei fazer a barba.

(Escapole para seu quarto.)

JÚLIA — Você tem que entender! Tem que me ouvir!

CRISTINA — Realmente, não posso entender seus modos largados. Para onde vai viajar? E ele, estava de chapéu, não estava?

JÚLIA — Ouça, Cristina, eu lhe contarei tudo.

CRISTINA — Não quero saber de nada.

JÚLIA — Você tem que me ouvir.

CRISTINA — O quê? Sua tolice com Jean? Pouco me importa. Nada tenho a ver com ela. Mas, se pretende levá-lo a fugir consigo, logo daremos um jeito nisso.

JÚLIA — *(Muito nervosa.)* Por favor, Cristina, tente ficar calma. Não posso ficar aqui, nem Jean. Por isso temos de viajar.

CRISTINA — Hum...

JÚLIA — *(Iluminando-se.)* Sabe, tive uma idéia. Suponha que partamos nós três, para fora do país. Iremos à Suíça e abriremos um hotel juntos... Tenho algum dinheiro, sabe... Jean e eu poderíamos administrar tudo e você se incumbiria da cozinha. Não seria ótimo? Diga que sim, por favor. Se você vier conosco tudo ficará bem. Diga que sim! *(Abraça Cristina.)*

CRISTINA — *(Friamente, pensando.)* Hum... hum...

JÚLIA — *(Presto tempo.)* Você nunca viajou, Cristina. Você deveria sair daqui e ver o mundo. Não sabe como é bom viajar de trem... novos rostos o tempo todo e novos países... Quando passarmos em Hamburgo, iremos ao Zoológico, você vai adorar, iremos ao teatro, à ópera também... E quando chegarmos em Munique, visitaremos os museus, minha cara, os quadros de Rubens e de Rafael, os grandes pintores, sabe? Você já ouviu falar de Munique, não ouviu? É onde viveu o rei Luiz, sabe? O rei que ficou louco... Veremos seus castelos, alguns deles parecem contos de fadas... E lá não estaremos longe da Suíça e dos Alpes.

Pense nos Alpes, minha cara Cristina, coberto de neve em pleno verão... E nas laranjas e nas árvores verdes o ano inteiro. *(Jean é visto à porta de seu quarto, amolando a navalha numa tira de couro. Ouve a conversa com satisfação, anuindo, às vezes, com a cabeça. Júlia continua, "tempo prestíssimo".)* E então, montaremos um hotel. Eu ficarei na portaria, enquanto Jean recebe os hóspedes, vai fazer compras e escrever cartas... Isto é que é vida! Os trens apitando, os ônibus chegando, as campainhas tocando por todos os lados... E eu farei as contas... Você não sabe como os viajantes ficam nervosos quando têm que pagar suas contas! E você será como u'a rainha em seus domínios... Claro, nada mais de ficar junto ao fogão. Você estará sempre bem-vestida, pronta para ser vista. Com a sua aparência... Não, não estou lisonjeando... Um belo dia, você encontrará seu marido... um inglês rico, é isso, eles são fáceis... *(Ralentando)* de agarrar... e então ficaremos ricos, construiremos uma vila junto ao lago de Como... Claro, chove um pouco lá, de vez em quando, mas *(inexpressiva)*, o sol também brilha, às vezes... mesmo que pareça sombrio... e, se não pudermos voltar para casa de novo... voltar... *(pausa)* para casa... ou para outro lugar...

CRISTINA — Acredita em tudo isso, srta. Júlia?

JÚLIA — *(Exausta.)* Se acredito?

CRISTINA — É.

JÚLIA — *(Cansada.)* Não sei. Já não acredito em nada. *(Afundada no banco, cabeça e braços sobre a mesa.)* Nada. Nada de nada.

CRISTINA — *(Virando-se para Jean.)* Então você queria fugir, não é?

JEAN — *(Desconcertado, colocando a navalha sobre a mesa.)* Fugir? Não sei o que você está dizendo. Você ouviu o plano da srta. Júlia, e é um plano bastante razoável, se bem

que ela esteja cansada, agora, depois de passar a noite acordada.

CRISTINA — Ah, é? Se acha que eu iria trabalhar para...

JEAN — *(Interrompendo.)* Quer ter a bondade de usar uma linguagem decente diante de nossa patroa?

CRISTINA — Patroa?

JEAN — É isso mesmo.

CRISTINA — Ora, ora, quem diria...

JEAN — Sim, seria preferível você escutar mais e falar menos.

A srta. Júlia é nossa patroa e aquilo que lhe faz perder o respeito por ela deveria, nesse caso, fazer você perder o respeito por si mesma.

CRISTINA — Sempre tive auto-respeito suficiente...

JEAN — Para desprezar os outros.

CRISTINA — Para não cair abaixo de minha posição. Por acaso a cozinheira do Conde já esteve com o servente ou o criado dos porcos?

JEAN — Não, você teve a sorte de encontrar um homem de minha categoria.

CRISTINA — É, de sua categoria, que vende a aveia dos estábulos do Conde.

JEAN — E quem é você para dizer, você que recebe comissões no armazém e é subornada pelo açougueiro?

CRISTINA — Não sei do que você está falando.

JEAN — E agora, acha que não pode respeitar seus patrões.

CRISTINA — Vai à igreja comigo? Acho que deveria mesmo ouvir um bom sermão, depois de suas extraordinárias ações.

JEAN — Não, não vou à igreja hoje. Pode ir sozinha, confessar seus próprios pecados.

CRISTINA — Está bem, farei isso, e trarei bastante perdão para os seus também. O Salvador sofreu e morreu na cruz, para livrar-nos do pecado e se formos a Ele, com fé e de coração penitente, Ele tomará sobre si os nossos erros.

JEAN — Até mesmo os roubos do armazém?

JÚLIA — Você acredita nisso, Cristina?

CRISTINA — É a minha fé viva e acredito nela, do mesmo modo como acredito que estou aqui. A fé que aprendi quando criança e que conservei desde então, senhorita. “Mas onde prolifera o pecado, muito mais prolifera a Graça.”

JÚLIA — Oh, se eu tivesse sua fé! Se eu...

CRISTINA — A senhorita não poderá tê-la sem a Graça especial do Senhor. E esta, nem a todos é dada.

JÚLIA — A quem é dada então?

CRISTINA — Este é o grande segredo das ações da Graça, senhorita. Deus não respeita pessoas e para Ele os últimos serão os primeiros...

JÚLIA — Supondo, então, que Ele respeita os últimos...

CRISTINA — *(Continuando.)* ...“é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus”. É isto que acontece, srta. Júlia. E agora eu irei, sozinha. Quando passar pela cozinha direi ao empregado para não deixar que os cavalos saiam antes da volta do conde. Adeus. *(Sai.)*

JEAN — Cadela! E tudo por causa de um passarinho!

JÚLIA — *(Exausta.)* Não se importe com o passarinho. Está vendo algum modo de sair? Algum modo de acabar com tudo isso?

JEAN — *(Ponderando.)* Não.

JÚLIA — Em meu lugar, o que faria?

JEAN — Em seu lugar, se eu fosse mulher... uma dama da nobreza que tivesse... caído... Não sei. Sim, agora sei.

JÚLIA — *(Apanhando a navalha e fazendo um gesto.)* Isto?

JEAN — Sim. Se bem que eu mesmo jamais o faria. Essa é a diferença entre nós.

JÚLIA — Por que você é homem e eu sou mulher? Qual é a diferença?

JEAN — A diferença habitual entre o homem e a mulher.

JÚLIA — *(Segurando a navalha.)* Eu gostaria. Mas não posso. Meu pai também não conseguiu, quando quis.

JEAN — Não, ele não queria. Tinha de vingar-se primeiro.

JÚLIA — E agora minha mãe está de novo vingada, por meu intermédio.

JEAN — Jamais amou seu pai, senhorita?

JÚLIA — Profundamente, mas devo tê-lo detestado também... inconscientemente. Ele deixou que eu fosse criada com desprezo pelo meu próprio sexo, metade mulher e metade homem. De quem será a culpa do que houve? De meu pai, de minha mãe ou minha? Minha? Nada tenho de meu. Não tenho um pensamento sequer — que não tenha vindo de meu pai, uma emoção que não venha de minha mãe. E sobre esta última idéia, a idéia de serem iguais todas as pessoas, recebi-a de meu noivo. É por isso que o chamo de covarde. Como pode haver falta minha? Empurrar a responsabilidade para Jesus, como faz Cristina? Não. Sou orgulhosa demais e inteligente demais, graças aos ensinamentos de meu pai. Quanto ao fato dos ricos não entrarem nos Céus é mentira, se bem que Cristina, que tem dinheiro no banco, com certeza não entrará jamais. De quem é a culpa? Em todo caso, tenho de carregá-la e sofrer as consequências.

JEAN — Sim, mas... *(Ouvem-se dois toques de campainha. Júlia ergue-se rapidamente. Jean veste a libré.)* O Conde voltou. Suponha que Cristina... *(Vai até o tubo de comunicação e ouve.)*

JÚLIA — Será que ele já foi à escrivania?

JEAN — É Jean, senhor. *(Ouve.)* Sim, senhor. *(Ouve.)* Sim, senhor. Muito bem. *(Ouve.)* Imediatamente? *(Ouve.)* Sim, senhor. Dentro de meia hora.

JÚLIA — *(Em pânico.)* O que foi que ele disse?

JEAN — Disse que queria suas botas e seu café dentro de meia hora.

JÚLIA — Então, ainda há meia hora... Oh, estou tão cansada! Não posso fazer nada. Não posso ter pena, fugir, ficar, viver... morrer. Me ajude. Dê-me ordens e eu as cumprirei. Preste-me este último serviço: salve minha honra e o nome dele. Você sabe o que devo fazer e que não tenho forças. Use o seu poder e me ordene para que eu o faça.

JEAN — Não sei por que... Agora não posso... Não entendo... É como se esta libré me dirigisse... Não sou capaz de dar ordens... E agora, depois do Conde ter falado comigo... Não posso explicar bem, mas... o demônio do laçao curva de novo minhas costas. Creio que se o Conde viesse até aqui e me ordenasse cortar a garganta, eu o faria imediatamente.

JÚLIA — Então, finja que é ele e eu sou você. Você representou bem, antes, quando se ajoelhou diante de mim, fingindo ser um nobre. Ou... Já viu um hipnotizador no teatro? *(Ele confirma com a cabeça.)* Ele diz para a pessoa que está no palco: “Pegue a vassoura”, e a pessoa pega.

JEAN — Mas a pessoa tem que estar adormecida...

JÚLIA — *(Como num transe.)* Eu já estou adormecida... o quarto tornou-se fumaça e você parece um fogão, um fogão com um homem vestido de preto, usando chapéu alto... seus olhos brilham como brasas de um fogo quase morto e seu rosto é uma mancha branca como as cinzas. *(A luz do sol agora alcançou o assoalho e ilumina Jean.)* Como é agradável e quente! *(Estende os braços como se estivesse aquecendo as mãos junto ao fogo.)* Tão leve... tão tranqüilo...

JEAN — *(Colocando a navalha nas mãos dela.)* Aqui está a vassoura... Vá agora, enquanto é fácil... lá no celeiro... e... *(Murmura ao seu ouvido.)*

JÚLIA — *(Acordada.)* Obrigada. Irei agora... descansar. Mas diga-me que os primeiros receberão a Graça.

JEAN — Os primeiros? Não, não posso dizer isto. Espere, senhorita. Achei! A senhorita já não está entre as primeiras, está entre as últimas.

JÚLIA — É verdade. Sou uma das últimas. Sou a última. Agora não posso mais ir. Diga-me que vá, de novo.

JEAN — Não, também não posso, agora. Não posso.

JÚLIA — A primeira que será a última.

JEAN — Não pense. Está roubando também minhas forças. Fazendo-me covarde. O que é isto? Pareceu-me ver a sineta se movendo... Ter medo de uma sineta! Sim, mas não é da sineta apenas. Há alguém atrás dela... a mão que a faz tocar... e alguma coisa que movimenta a mão... E se pudéssemos fazer parar nossos ouvidos... se parássemos de ouvir... então a sineta tocaria mais alto que nunca. Tocaria e tocaria até que a atendêssemos e então seria tarde demais. E a polícia chegaria e... e... *(A sineta toca duas vezes, insistente. Jean recua, depois fica ereto.)* É horrível, mas não há outro modo... Vá!

(Júlia caminha firme através da porta.)